

Decorreram milênios até que o lobo selvagem se tornasse o companheiro do homem. Inicialmente, durante o processo de domesticação, a relação foi ditada principalmente por considerações utilitárias, e progressivamente, a nova espécie *Canis familiaris* foi assumindo um papel social significativo na vida das pessoas. Contudo, apesar do cão ser um ser sociável e gregário, ainda partilha seu comportamento com o lobo. A domesticação somente atenuou algumas características do lobo e evidenciou outras. Estes carnívoros mostram-se favoravelmente reprimidos pela cultura humana; o progresso que realizam conduzidos pelo homem é transitório e puramente individual, pois quando, entregues a si mesmo, logo voltam a encerrarem-se nos limites que lhes traçou à natureza.

Foi a partir do final do século XVIII que o processo de industrialização crescente na Europa concorreu para o surgimento de uma sociedade caracterizada pelo intenso processo de urbanização. Este momento histórico conduziu o ser humano a um modelo de comportamento marcado pela insensibilidade social e concepção individualista que conformou uma nova maneira de atendimento às suas necessidades afetivo-emocionais que se circunscrevia à sua moradia. O homem, então, tenta mitigar a sua solidão com um companheiro de outra espécie. A capacidade altruística do animal torna a relação muito prazerosa, visto que, ele é capaz de doar-se sem reservas e sem esperar retribuição, submetendo-se à vontade de seu proprietário sem julgamento.

A convivência estabelecida com benefício recíproco entre as duas espécies tornou-se ainda mais expressiva quando a vinculação do tipo utilitária progrediu para uma relação mais afetiva e familiar. O animal de companhia torna-se objeto de satisfação emocional na vida privada das mais variadas classes sociais. Assim, o homem contemporâneo estabelece um processo irreversível de socialização criando um relacionamento estável e duradouro que ao ser conduzido com atenção e carinho concorre para a categorização de um grupo particular de animais, denominado animais de estimação. Neste momento, o homem passou a se envolver gradualmente com o desenvolvimento planejado das raças, treinamento, educação, alimentação e com a saúde do seu companheiro.

Primeiramente, a seleção genética refletia o interesse econômico, entretanto, a intensificação da relação homem-animal modificou a percepção do homem, comprometida com fatores sentimentais. Consecutivamente, estabeleceu-se no final do século XX a preocupação em entender e aplicar elementos do conhecimento, importantes não só para garantir a expectativa de vida do animal de estimação, mas principalmente, para garantir o seu bem-estar. Este momento de inquietação favoreceu a busca do conhecimento referente à identidade morfológica, biológica e, naturalmente, identidade psicológica e comportamental.

A preocupação com o bem-estar animal ensaiava seus primeiros passos. O ser humano começou a compreender que o respeito ao animal está na conscientização da real identificação da espécie canina, que ao longo dos séculos foi se modificando por influência do homem. Assim, respeitar o cão significa respeitar ao mesmo tempo o animal selvagem original e o animal moderno, resultado de uma evolução aspirada e acompanhada pelo ser humano. É importante considerar que cão nos primórdios da evolução fazia parte de uma matilha, estando sujeito a uma hierarquia instintiva e imposta, mas necessária para sua sobrevivência; já o animal moderno, ao preservar a sua natureza e comportamento, apresenta uma capacidade extraordinária de adaptação a todas as formas de sociedades humanas.

A criação do cão deve ser conduzida com respeito e firmeza. Dispensar-lhe apreço significa, indubitavelmente, reconhecer sua natureza social e atender satisfatoriamente suas reais necessidades biológicas, psicológicas e comportamentais.

A percepção e a aceitação dessa nova realidade podem promover mudanças significativas no trato com o animal, uma vez que o modelo de relação entre o homem e o cão até então difundido e padronizado no cotidiano, se amplia e reestrutura (Faraco, 2004). É imperativo nos

esforçarmos para entender esse ser que partilha conosco a sua existência para tornar sua vida efetivamente agradável (Fogle, 1995). Não obstante, mesmo que alguns proprietários o considerem parte da família, eles não possuem os mesmos direitos e privilégios dos outros membros. Os direitos e importância do ser humano são, decisivamente, diferentes dos animais (Singer, 2002).

Apesar disto, este companheiro que compartilhou com o homem trabalho e lazer por milhares de anos, tornou-se dentre os demais animais de estimação o mais adaptado aos papéis afetuosos e emocionalmente encorajadores. Hoje em dia, quando a interação resulta em alto nível de afeição, o cão tende a ser visto como um membro da família nas residências urbanas. O cão pode ser uma notável fonte de afeto e de apoio para pessoas que experimentam transições críticas no curso de vida como viuvez, divórcio, após a emancipação e saída dos filhos e quando estão morando sozinho. (Albert e Bulcroft, 1988). Como um ente querido, apresenta a maioria dos atributos desejados pelos membros da família. Entre os diversos papéis que ele desempenha o companheirismo inseparável e incondicional é o mais representativo. Para alguns, o cão lhes permite estar só sem estar solitário, além de aumentar as oportunidades para conhecer as pessoas. (Beck e Meyers, 1996).

Qualquer pessoa que conviva intimamente com um cão pode divisar a complexidade dos seus sentimentos, pode reconhecer nele momentos de alegria, outros de tristeza ou ansiedade sem precisar de provas científicas. Os cães, igualmente a muitos outros animais, podem experimentar sofrimento físico e psíquico, e foi admitindo essa realidade já no século XIX quando Bentham et al. (1996, p.283) ao referirem-se ao direito dos animais nos deixou a célebre frase: *A questão não é: "Eles são capazes de raciocinar?" Nem tampouco seria: "Eles são capazes de falar?" A questão é: "Eles são capazes de sofrer"?* Tempo passou e somente na década de 70 do século XX foi retomada a bandeira em defesa aos animais.

O filósofo Peter Singer desempenhou um papel significativo no impulso inicial do moderno movimento de defesa dos direitos dos animais. Ele defende a idéia de que só se deve viver uma vida que valha a pena ser vivida (Singer, 2002). Após este movimento, a Ciência de bem-estar animal desenvolveu-se rapidamente nos anos oitenta do século passado (Broom e Fraser, 2007). A posição filosófica predominante dos estudiosos neste momento baseava-se em um princípio universal: os animais domésticos são seres sencientes e, portanto, credores de tratamento humanitário. Um indivíduo que experimenta dor, sofrimento e prazer, pode ser considerado sob o ponto de vista filosófico um ser senciente, atributo que o torna objeto de consideração moral e obriga ao ser humano cumprir com os seus deveres e atender os seus interesses (Tischler, 1983). Os interesses de um cão, por exemplo, pode ser o cumprimento de suas necessidades básicas e comportamentais por parte de seu proprietário e a omissão do atendimento de seus interesses poderá comprometer sua saúde física e mental.

Até recentemente, os médicos veterinários, fundamentados no Código de Ética Veterinária (CRMV, 2001), reconheceram a necessidade de evitar sofrimento desnecessário aos animais. Porém, o conceito de sofrer segurado por veterinários normalmente é restringido a sofrimento físico, acrescido da idéia dos animais domésticos terem uma baixa sensibilidade para dor (Dantezer, 1994). Os conceitos de bem-estar e conforto são relativamente novos ao campo veterinário. Por muito tempo, foi pensado que estes conceitos eram equivalentes à ausência de dor e estresse, no entanto, as preocupações éticas expressas pela sociedade vão além da idéia simples de dor. A condição negativa de dor, estresse e sofrimento está sendo substituída gradualmente pelas condições positivas de conforto e bem-estar.

Favorecer o estado de bem-estar requer educação e treinamento do animal de companhia. Para cumprir efetivamente esses propósitos, torna-se imprescindível adquirir o conhecimento relativo a dois tópicos importantes: motivação e aprendizado de cães. A obtenção desse conhecimento somente se torna factível se os proprietários e profissionais se instruírem sobre comportamento animal. Esse desígnio assume maior importância para veterinários que

deveriam oferecer conselho profissional em comportamento. Estes profissionais necessitam ter competência para identificar os problemas comportamentais e outros conexos a fim de propor métodos de redução ou eliminação das causas inerentes ao bem-estar pobre.

Nas universidades o assunto de bem-estar animal é em geral uma questão científica e ética proposta em termos ambíguos que suscita numerosos dilemas para ciência e sociedade (Clark et al., 1997a). Hesitação e polêmica surgem em um processo decorrente da prática de julgamentos de valor à medida que conceitos relacionados ao assunto de bem-estar são formulados e critérios de avaliação desenvolvidos. Esta situação, não obstante, reclama um posicionamento mais coeso e deliberativo, prepositivo à abertura de disciplinas voltadas para o estudo do comportamento e bem-estar animal.

Para etologistas, os especialistas na ciência do comportamento, o conceito de bem-estar vai além de considerações de desempenho de produção e saúde física, suas necessidades não são somente fisiológicas, mas também comportamentais e psicológicas. Se suas necessidades não podem ser satisfeitas, os animais podem sofrer intensa frustração e, conseqüentemente, serem acometidos de sofrimento mental. Este seria o caso de um cão ávido por passeio permanecer preso em sua residência impedido de experimentar estímulos. Sob esta perspectiva, é imperioso que o conceito de bem-estar considere os estados mentais dos animais (Dantezer, 1994).

A Ciência compilou uma quantidade volumosa de conhecimento sobre animais em base científica e tecnológica avançada, contudo ainda se sabe muito pouco sobre o bem-estar mental deles e sobre os fatores que influenciam os fenômenos psicológicos. A visão de bem-estar em animal evoluiu inicialmente a partir de critérios de prevenção e controle de doenças e produtividade que refletiam as metas de valores humanos. Até recentemente, muita ênfase foi colocada em fatores físicos do meio ambiente, houve pouco interesse no bem-estar psicológico de animais. Estudiosos de comportamento animal conscientes da importância do estudo do bem-estar psicológico de animais são acusados de antropomorfismo e subjetivismo por conferir-lhes atributos humanos.

A percepção comum de bem-estar deveria atentar para a realidade concreta: emoções positivas decorrentes do entusiasmo e alegria favorecem o aumento de bem-estar e as emoções negativas como medo e estresse induzem a redução do bem-estar. Neste sentido, os estudiosos em bem-estar animal precisariam *desenvolver teorias de bem-estar que tem os sentimentos como núcleo* (Duncan, 1996, p.33). Hodiernamente, acredita-se que os critérios utilizados no estudo do bem-estar animal deveriam refletir as reais necessidades do animal, ou seja, a perspectiva do animal. Embora os humanos não possam avaliar o bem-estar logicamente da perspectiva do animal, *uma perspectiva antropomórfica crítica pode ser eticamente preferível a uma perspectiva antropocêntrica* (Clark et al., 1997a, p.565). A polêmica referente à definição do bem-estar surge, conseqüentemente, com a preocupação em adotar simultaneamente ou exclusivamente as duas perspectivas éticas.

Independente da perspectiva ética a ser adotada em estudos de bem-estar animal, a trajetória comum entre o homem e os animais ao longo da história nos permite identificar os significados conferidos aos animais e a suas participações em papéis que configuram sua posição social em uma determinada cultura e, conseqüentemente, a sua importância junto ao homem.

Estima-se que no Brasil existam 31 milhões de cães e de 15 milhões de gatos que em 2007 apresentaram um consumo potencial de 3,96 milhões de toneladas de alimentos, sendo o faturamento do mercado de animais de estimação em torno de US\$ 4,1 bilhões, além de gerar milhares de empregos, na indústria e no comércio de alimentos, medicamentos e acessórios (ANFAL, 2008). Diante deste quadro, é de crucial importância atentar para a transfiguração da relação homem-animal, pois, hoje em dia, ela reflete indiretamente sua ação na vida comunitária, tornando obrigatória alteração no modo de tratamento do animal o que pressupõe uma nova leitura da realidade no campo jurídico e ético associados ao bem-estar animal.

A evolução do vínculo entre o homem e o cão é, portanto, um fato constatado pelo senso comum. Nós testemunhamos o aumento cada vez maior do número de proprietários de cães e das facilidades e segurança na criação do animal, representadas principalmente pelas rações balanceadas e vacinas contra um grande número de doenças. Esses avanços tornam-se os grandes fomentadores do interesse dos pesquisadores, veterinários e também da população, impedindo, desse modo, que temas relacionados ao bem-estar animal e à relação homem-animal não se esgote. A produção de conhecimento científico objetivo sobre estes dois temas visando propiciar uma vida melhor para o companheiro animal tem causado interesse crescente do meio científico. A relevância das pesquisas consiste em proporcionar bem-estar a essas duas espécies - ser humano e o cão - e melhorar o tratamento dispensado ao animal que depende da qualidade desta influência mútua.

Muitos estudiosos em comportamento animal tentaram desenvolver critérios seguros para avaliar o bem-estar de um indivíduo ou de uma população fundamentados no seguinte princípio: uma resposta a uma situação de estresse pode ser capturada de forma incompleta pelo indicador escolhido ou a resposta ao estresse pode incluir componentes energéticos, hormonais, imunológicos e comportamentais que podem ser invocados a graus diferentes por indivíduos diferentes e medir um só componente pode implicar em uma conclusão incorreta (Hofer e East, 1998). Em virtude das reações neuroendócrinas ao estresse diferirem dependendo da situação e, também do comportamento dos animais e processos emocionais concomitantes, é necessário que qualquer avaliação de bem-estar inclua variadas mensurações (Broom e Fraser, 2007). Neste sentido, este estudo avaliará o bem-estar de uma população fundamentado em três indicadores: índice de massa corporal, índole do animal (mansuetude/agressividade) e estado de tranqüilidade.

Há uma extensa informação científica sobre a relação homem-animal e o bem-estar animal, não obstante, não houve nenhum estudo empírico relativo à associação desses dois temas utilizando o cão como animal experimental. No panorama mundial, a pesquisa em bem-estar freqüentemente refere-se a animais de produção e a medição baseia-se em indicadores de saúde, comportamentais, produtivos, reprodutivos, endocrinológicos e imunológicos. Apesar da considerável literatura teórica sobre sofrimento e sentimento animal, ainda não existe nenhum trabalho experimental que considere o estado subjetivo de intranqüilidade de um cão como um indicador de bem-estar pobre. Situação análoga ocorre com o emprego do indicador massa corporal (Hofer e East, 1998) utilizado na medição dos estados de estresse dessa espécie.

Estudos relacionados à interação homem-animal e bem-estar animal ainda são inexpressivos em nosso país e esforços devem ser conduzidos de modo incrementar pesquisas sobre este tema. A base teórica para fundamentar qualquer trabalho nessa área tem que ser buscada principalmente em bibliografias internacionais. Nesta perspectiva, torna-se essencial conhecer o modo de condução implícito na relação dos familiares com os seus cães para entender as intenções do grupo social e avaliar a sua capacidade de comportamento animal característico.

O objetivo principal deste estudo foi verificar alguns aspectos da relação homem-animal associados ao bem-estar do cão. Para alcançar tal desígnio, foram estabelecidas as relações funcionais entre as condições de criação dos cães, a progressividade e a atitude de seus proprietários e o bem-estar animal, por meio de análise multivariada de correspondência múltipla.

Considerando o manifesto direcionamento das pesquisas acadêmicas em favor de demandas da sociedade, este estudo primordialmente descritivo, além do que propõe o seu objetivo principal de caracterizar relação homem-animal e o bem-estar do cão em uma população definida em um determinado momento, deverá contribuir com o fornecimento de parâmetros científicos para o desenvolvimento de outras investigações sobre o tema e levantar questões pertinentes. Algumas questões só se tornam evidentes quando reunimos conhecimento suficiente num campo de pesquisa, de modo que nos tornemos capazes de ter uma visão global da pesquisa nessa área. A

análise crítica de um problema deve ser aplicada a mensurações, estratégias, definições e conjecturas de vários estudos.

Finalmente, espera-se que as observações e os resultados alcançados nesse trabalho possam servir à elaboração e a condução de novas pesquisas multidisciplinares comprometidas com a divulgação da realidade da relação homem-animal e o bem-estar do cão em nossa sociedade contemporânea.